

# mo sai co

## A IDADE DAS TREVAS NO BRASIL

**/página 4**  
**Relembre os bastidores do golpe de 1964 e leia os depoimentos de quem viveu e sofreu com a repressão dos militares**

**/página 3**  
**De Santa Ernestina a Prudente. Dos vinis aos CD's, Eugênio representa o verdadeiro amor à música**

**/página 6**  
**Descubra tudo o que a Bienal de São Paulo tem para oferecer**

**/página 7**  
**A professora Michela Mendes mostra os caminhos para a compreensão de uma obra de arte**

**/página 6**  
**A arte de immortalizar momentos: descubra a beleza nos cliques de Fernando Matsu**

**/página 7**  
**Em Dialética & Poética, uma homenagem póstuma ao talento literário de Virgílio Reis**

**/página 8**  
**Ouvir, ler e assistir: o que é novidade e o que prevalece na cultura. Confira na seção Caleidoscópio**



ARTIGO  
POR VIVIANE VIEIRA

## Espasmos culturais

A palavra “cultura” prematuramente passa a fazer parte do nosso vocabulário quando, desde crianças, ouvimos pessoas proferindo sentenças: Não tem cultura. Oh! Que pessoa mais culta, tem todos os discos do João Gilberto. Ah! Aquela escuta Odair José, que falta de cultura. No meu tempo tínhamos educação musical e aprendíamos francês na escola, tínhamos mais cultura. Louvável! Mas no seu tempo também tinha educação moral e cívica (repugnante) e nas aulas de educação física suas articulações eram trituradas pelos polichinelos e todas as invenções da linha militarista. Questão de ponto de vista, meus caros.

Quando foi mesmo que a palavra cultura ganhou status de superioridade? A corrente antropológica entende que a cultura “[...] preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade” (SANTOS, 1994). Ou, como afirma o antropólogo Tião Rocha, “todo e qualquer ser humano tem cultura”. Se é assim, logo, tudo é cultura?

Originária do verbo colere, que vem do latim e significa cultivar, já na época dos romanos teve seu conceito estendido: passaria, então, a designar a cultura da alma. Para a sociologia, “[...] a cultura é um fenômeno amplo que está presente em toda a vida social. Podendo se apresentar de forma material, através de artefatos e objetos em geral. E de forma não-material que consiste no campo das ideias, através da arte, da ética, das crenças, dos conhecimentos e dos valores” (MAIA, 2013). E, como em uma brincadeira de telefone sem fio, o ser com “telencéfalo altamente desenvolvido com polegares opositores e livres”, elitizou a palavra cultura e a tornou sinônimo de requinte e bom gosto.

Para completar, certos produtos e manifestações culturais receberam o selo de esmero e preferência em detrimento de outros. Daí, todos os humanos que passassem a consumi-los seriam recebidos no círculo dos cultos e a eles seriam dadas toda a honra e toda a glória. Aos incultos, o tratamento a altura de seres inferiores: o desprezo e o castigo por não terem cultura, por não existirem.

Mas quem foi o ser com “telencéfalo altamente superior” que determinou isso? Por que raios o meu vizinho que tem todos os discos do Tom Jobim, lê James Joyce e Proust e tem um Van Gogh na parede é superior ao Zé que escuta Claudia Leitte, leu toda a saga Crepúsculo e tem um Romero Britto pendurado na sala?

Ser inferior é marginalizar, classificar pessoas e empurrá-las, com isso, ao ostracismo social. Um ser superior é aquele que consegue compreender e conviver com a diversidade sem se submeter aos rótulos. Os mecanismos que determinam se seremos devotos de Chet Baker ou Beyoncé deveriam nos preocupar menos. O que importa mesmo, é que todos tenham acesso a uma diversidade infinita de produtos e manifestações. Só assim cada um poderá fazer sua escolha com louvor e defender com autoridade suas preferências. Afinal, ninguém pode preferir alguma coisa a outra que não conhece. Aproveito para expressar minha devoção pelo pesquisador Stuart Hall: “[...] a cultura necessita da diferença para prosperar – mesmo que apenas para convertê-la em outro produto cultural para o mercado mundial”.

EDITORIAL

## Faça parte deste mosaico

Para a equipe do Mosaico, a maior satisfação é ver essa edição piloto impressa. Isso significa que um longo caminho foi percorrido, horas de estudo valeram a pena e depois de um ano sonhando com esse dia, ele finalmente chegou. Muitas matérias dessa edição poderiam dividir ou estrelar a capa. Desde a entrevista perfil com Eugênio Balan, onde o universo da música é explorado de forma intimista; o desbravamento da arte com explicações da professora de história da arte, Michela Mendes; ou os 50 anos do Golpe Militar, com depoimentos de moradores de Presidente Prudente que viveram os anos de chumbo.

Escolher os assuntos que preenchem essas páginas não foi tarefa fácil. A preocupação em disponibilizar um conteúdo de relevância, interessante e apurado é de deixar qualquer editor com algumas horas de sono a menos. Mas decidir o que deve ser cortado e o que se deve manter em cada matéria, isso sim é difícil. Contudo, o dever de hierarquizar as notícias, tornar a leitura mais leve e dinâmica e contextualizar as páginas de acordo com os assuntos, sempre levando em consideração o leitor, fez os autores filtrarem as informações com o cuidado de preservar a importância, o caráter inédito e a contribuição cultural.

Por fim, criar uma identidade visual que respeite os principais padrões do jornal O Imparcial, mas que ouse na forma de trabalhar as matérias em uma página, contou com a ajuda especial de Lucas Miolla, publicitário, criativo, autor de livro e o artista por trás da imagem que ilustra a capa dessa edição, além de muitas referências que ajudaram a lapidar este caderno. Agradecemos a todos que colaboraram para que este material fosse produzido.

O Mosaico nasceu com a intenção de praticar o jornalismo cultural e ser um complemento mensal do Caderno 2, do jornal O Imparcial. A expectativa é que você, leitor, sintase atraído e que, juntos, possamos contribuir com o avanço do conhecimento para aprendermos mais a cada edição, e que as obras de artistas locais sejam compartilhadas a fim de que a arte se torne um ciclo renovador em nosso meio.

Entre em contato com a equipe da nossa redação. (18) 2104-3737  
Envie sua opinião, sugestão ou crítica:  
mosaicoimparcial@gmail.com

Siga:  
@OImparcial  
@oimparcialsp

Todos os textos utilizados em nossas matérias são cedidos e de responsabilidade de seus autores ou representantes de conteúdo. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou total sem autorização.

mo  
sai  
co

O suplemento cultural Mosaico é um trabalho piloto de conclusão de curso dos alunos do oitavo termo de jornalismo.

**Textos:** Ricardo Mancini e Viviane Vieira  
**Projeto gráfico:** Ricardo Mancini e Viviane Vieira  
**Diagramação e ilustrações:** Lucas Miolla  
**Edição:** Lucas Miolla, Ricardo Mancini e Viviane Vieira  
**Supervisão:** Giselle Tomé



Divã

# O rock de uma vida inteira

Foto: Viviane Vieira

Ricardo Mancini  
DA REDAÇÃO

ENTRE ATENDER UM E OUTRO CLIENTE, ESTÁ EUGÊNIO VALENTIM BALAN, NO AUGE DE SEUS 60 ANOS, COM MUITA SIMPATIA E SIMPLICIDADE. NATURAL DE SANTA ERNESTINA (SP), O COMERCIANTE JÁ MOROU EM ARARAQUARA (SP), BRASÍLIA (DF), SALVADOR (BA) E DESDE 1998 ESTÁ EM PRESIDENTE PRUDENTE. NO CENTRO DA CIDADE, A LOJA DA QUAL ELE É DONO JÁ TEM 14 ANOS DE HISTÓRIA. SEMPRE ENVOLVIDO NO MEIO MUSICAL COMO PRODUTOR E REPRESENTANTE DE GRAVADORA, EUGÊNIO NÃO É APENAS UM APAIXONADO PELA MÚSICA, MAS UM PROPAGADOR DELA. VINIS, CDS, DVDS, CAMISETAS, BONÉS, MOCHILAS E OUTROS ARTIGOS DAS MAIS DIVERSAS BANDAS E CANTORES DE ROCK NACIONAIS E INTERNACIONAIS ATRAEM O PÚBLICO ATÉ A LOJA, ONDE O TOCA-DISCOS NUNCA PARA. CONHEÇA AGORA UM POUCO MAIS SOBRE A HISTÓRIA DESSA FIGURA PRUDENTINA QUE FICOU BEM À VONTADE NO NOSSO DIVÃ.



Eugênio e a coleção que ele considera de valor incalculável: vinis originais dos Beatles

## 1 – Qual foi o motivo que te trouxe para Presidente Prudente?

Família. Eu morei dez anos em Salvador. Chega um momento em que a gente acha que fechou um ciclo, né? Com a família morando aqui, meu pai havia falecido, então nós viemos, eu trouxe uma baiana (a esposa, Neide) comigo (risos).

## 2 – Como nasceu a sua paixão pelo rock e quais foram as suas influências?

O rock foi ainda em Santa Ernestina. Os meus irmãos mais velhos estudavam em Taquaritinga e lá recebiam informações dos pioneiros do rock and roll: Little Richard, Chuck Berry, Elvis Presley, Antônio Campello. Eles levavam os discos quando iam passar o final de semana em casa e eu ficava ouvindo. Isso foi no comecinho da década de 1960. Outra influência foi o meu pai, que tocava violino.

## 3 – Por conta do seu pai, você aprendeu a tocar algum instrumento também?

Não, eu aprendi a ouvir. Meu pai é aquele que está naquele quadro (aponta para um quadro em preto e branco logo na entrada da loja), ali tem o meu pai e meus tios, era minha família quando morávamos no sítio. É uma jazz band. O nome era Balan e Companhia Escudeiro e eles tocavam na época do cinema mudo.

## 4 – E tem alguma música que te remete à época em que você mudou para Presidente Prudente?

Eu estava mais ligado ao rock, mas nunca deixei de ouvir MPB. Musicalmente, para mim, é Led Zeppelin. Era o que eu ansiava ouvir na época. Eu fui uma das primeiras pessoas a ouvi-los por conta de um amigo que fazia intercâmbio e foi para os EUA e, ficou um tempo por lá. A volta dele coincidiu com quando o Led Zeppelin lançou o primeiro LP. Ele trouxe para cá e nas rádios daqui ainda não se ouvia a banda.

## 5 – E como surgiu a ideia de montar a loja?

Eu sempre gostei desse meio, aliás, sempre trabalhei com isso. Quando vim pra cá, eu era representante de gravadora, assim como eu já era lá no nordeste.

## 6 – Qual gravadora e como funcionava esse trabalho?

Eu cheguei a representar duas gravadoras em Presidente Prudente: Lumiar Discos, que tinha aqueles songbooks e Revivendo, que é de Curitiba e foi uma gravadora que recuperou a memória da música brasileira. Então, não sou apenas do rock.

Ao mesmo tempo, eu trabalhava como produtor

cultural e cheguei a produzir alguns shows. Quando morei em Araraquara, em época de secundaristas e faculdade, fiz nove shows do Gilberto Gil. Aqui em Prudente eu já trouxe a Rita Lee, Lulu Santos e Daniela Mercury.

## 7 – Antes de vir para Prudente o senhor morou em Salvador. Também trabalhou com produção musical enquanto estava no nordeste?

Em Salvador, fiquei três

anos mostrando um novo trabalho, mais tranquilo e menos comprometido, mas as pessoas gritavam “canta Procissão”, “canta Domingo no Parque” e ele chegava ficar chateado.

Eu sempre ouvi um pouco de tudo, mas houve um momento que eu estava mais engajado com o momento social e sinto falta disso, porque os artistas estão muito calados. Eu prefiro dizer que calaram eles com emprego, alguns

## 11 – Dos discos que você tem, qual o mais valioso para você?

Para mim, os Beatles tem um valor incalculável. Apesar de alguns discos ainda serem produzidos no vinil, para colecionador vale os antigos. Eles eu não venderia porque aí seria um pedaço meu que iria faltar.

## 12 – E qual que foi o último lançamento que conseguiu te surpreender?

Bom, tirando as bandas tradicionais que já fazem um trabalho de qualidade, eu gostei muito do Dream Theater, eu ouvi bastante (pega um vinil que está na estante atrás dele), é uma banda com uma qualidade muito boa. Isso foi no começo da década de 2000.

## 13 – E você já foi em algum show dos grandes nomes do rock?

Eu fiquei muito tempo fora do eixo Rio-São Paulo, mas cheguei a ir ao primeiro Rock in Rio, em 1985. Fora do eixo fica difícil, porque tudo é muito distante e eu dependendo do trabalho.

## 14 – Tem algum show que você pensa que não pode morrer sem ir?

Bob Dylan. Quando ele veio com os Stones eu não pude ir. Quando ele veio sozinho, eu acordei no dia do show e não tinha mais ingressos.

Aliás, acho que essa coisa de venda de ingresso na internet não é verdadeira. Acho que com isso oficializaram o cambista. Como que esgota em 40 minutos um lugar para milhares de pessoas? Não existe tempo físico para essa operação. Porque só de estar com o cartão de crédito na mão, conseguir a conexão para comprar, com o site lotado... Hoje fica difícil ir aos shows, Prudente é muito distante, tenho a loja, a família, os tempos são outros.

## 15 – No contexto nacional, tem alguma coisa que te agrade na música?

Eu fui assistir ao Nando Reis e adorei, foi uma performance de muita qualidade. Foi um bellissimo show, dele e da banda. Existe uma banda que eu acho muito legal, essa aqui (pega o vinil), chama Anjo Gabriel, é uma banda do nordeste. Essa é aquela banda que eu respondo quando as pessoas me per-

guntam se tem algo novo e bom. É um som progressivo, o primeiro disco lembra o Black Sabbath.

## 16 – E como é hoje manter a loja aqui em Prudente e competir com os downloads e com o mercado sertanejo tão forte em nossa região?

Eu me surpreendo. O pessoal que era garotão quando comecei, hoje traz o filho junto para comprar. O público vai se renovando. É um pessoal fiel e exigente. Com a internet mudou a velocidade, então parece que nascem mil bandas a cada dia. Tenho que ter uma oferta grande de camisetas.

Os discos ainda saem. OCD e o DVD também, mas não na mesma frequência que as camisetas. Não dá para estabelecer um paralelo, porque antes vendia muito, mas não tinha o download. Você já imaginou uma máquina que reproduza mil Picassos? É isso que eu penso do download. A parte gostosa do vinil é abrir com cuidado, ver o encarte, tem a letra, os músicos, quem gravou, quem não gravou, quem participou. O CD traz a informação, mas aí já precisa de uma lente para poder enxergar. Com a digitalização, com o download, (a arte) ficou mais fria, perdeu um pouco da identidade. Aliás, antigamente saia um disco (do artista) por ano, no máximo. Você tinha um ano para digerir aquele trabalho. Agora, todo mês quase sai um disco da banda.

## 17 – E se você pudesse voltar no tempo e reviver alguma época do rock, qual você escolheria?

Olha, às vezes, eu penso sobre isso. Seria um pouco injusto se eu falar que foi só o final da década de 1960 e 1970. Porque acho que vai um pouco mais além. Eu tinha a juventude comigo, meu HD não estava tão cheio, tão ocupado (risos), então era mais fácil absorver as coisas. Mas eu fico com a década de 1960 até a primeira metade da década de 1980.

## 18 – A última pergunta: você conseguiria resumir a sua vida no catálogo de um artista só?

Um só? (ficou pensando um bom tempo) Deus (risos). É difícil, mas... São vários estilos, mas para o rock é o Led Zeppelin, os Beatles, Pink Floyd e os Stones pela atitude punk. É impossível, tem muita coisa. A minha vida inteira foi ouvindo música, então é muita informação. Quando você passa a trabalhar com isso, vivenciar, isso se torna seu mundo, você é quase parceiro dos artistas, se sente amigo deles.

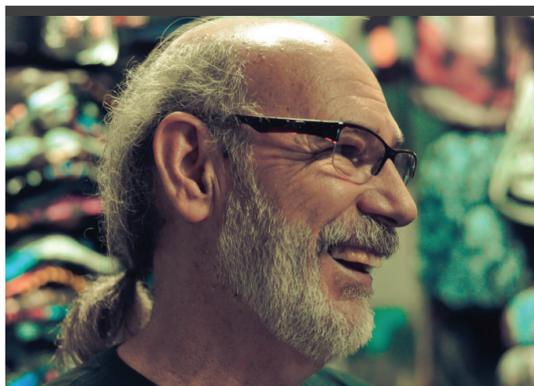


Foto: Viviane Vieira

“Aliás, acho que essa coisa de venda de ingresso na internet não é verdadeira. Acho que com isso oficializaram o cambista”

anos na Casa do Carnaval, trabalhei com a música regional do nordeste e nas festas de São João. Lá tem um grande movimento de rock paralelo ao carnaval, ao axé, a esse movimento que o baiano faz para o carnaval.

A grande festa do nordestino é a festa junina e envolve toda uma tradição local. Em Salvador, paralelo ao carnaval de rua, tem o Carnarock, três dias de rock em uma praia afastada, geralmente na Praia do Forte. Também trabalhei com isso.

## 8 – Então você sempre teve várias influências musicais. Mas por que o rock falou mais alto?

Foi um período em que a música brasileira falou também. Era quando havia uma preocupação maior dos músicos, verdadeiros ou não, com a questão social e política. Eu sinto essa ausência hoje. O primeiro show que produzi do Gil em Araraquara, em 1974, foi quando ele voltou (do exílio). Ele

com ministério. Hoje não se pode dizer que existe algum artista (desse tipo) ativo que chegue às massas.

## 9 – E você tem noção de quantos álbuns, discos você tem?

Eu tenho bastante, mas já tive mais, eu tinha mais tempo para ouvir. Aqueles discos que estão grudados ali na parede pertencem a minha coleção (ele aponta para uma sala logo atrás dele), não está completa, só tem alguns, mas exprime mais ou menos um pouco da minha preferência.

## 10 – Mas você já chegou a ter quantos, tem um número aproximado?

Em 1978 eu abri uma loja de discos em Araraquara. Naquela época só existia o vinil e a fita k7. A maioria dos discos que foram pra loja era meu, porque eu não tinha dinheiro pra comprar um grande volume de discos. Nessa época eu tinha em torno de uns seis mil discos. Eu gosto de música, com certeza tenho muitos carros representados na minha coleção (risos).

Você já imaginou uma máquina que reproduza mil Picassos? É isso que eu penso do download

## ESPECIAL

Viviane Vieira  
DA REDAÇÃO

A partir de 1964, o Brasil viveu o período mais negro de sua história marcado pela negação da liberdade, censura nos mais diversos âmbitos, repressão, tortura e morte. Regimes militares foram instaurados por quase toda a América Latina, impulsionados pelos governos estadunidenses que sentiam-se ameaçados pela vitória da Revolução Cubana e pelo

fantasma da ameaça comunista. Era a época da guerra fria, período em que Estados Unidos e União Soviética disputavam o posto de dono do mundo exibindo arsenais de guerra e exercendo domínio em territórios alheios. Aqui, foram 21 anos sob uma ditadura militar que ainda hoje causa indignação e deixa a incômoda sensação de impunidade no ar.

## Os embriões do golpe

Em 1961, Jânio Quadros tomou posse em Brasília como Presidente da República sucedendo Juscelino Kubitschek. Sua forma de governar, desde o início, já desagradava a gregos e troianos. Para a fúria dos conservadores, condecorou o guerrilheiro Che Guevara com a Ordem do Cruzeiro do Sul, fato que reforçou a teoria direitista que o acusava de nutrir simpatia pelo comunismo. No congresso, não contava com uma base política de apoio e, sua política externa independente, somada a sua simpatia pela reforma agrária causavam preocupações. Na noite de 24 de agosto de 1961, Jânio renunciou à presidência com a esperança de que haveria um clamor por sua volta, o que lhe daria maior poder para governar, livre das pressões dos partidos e do Congresso. Mas isso não

## As reformas de base e o comício da Central

O presidente Goulart defendia a reforma agrária como meio de eliminar os conflitos de terra e garantir o acesso à propriedade aos milhões de trabalhadores rurais. A reforma urbana, que buscava dar condições para os inquilinos se tornarem proprietários das casas alugadas, e o direito de voto aos analfabetos e aos setores inferiores das Forças Armadas também eram pontos polêmicos das pretendidas reformas. No início de 1964, Jango decidiu que iria colocar em prática as reformas de base sem o apoio do Congresso, já que um projeto de reforma agrá-

aconteceu.

A Constituição era clara: em situação de renúncia quem deveria assumir o cargo vago era o vice-presidente, no caso, João Goulart. Como Jango estava viajando em visita à China e, setores influentes das Forças Armadas e do empresariado o viam como uma ameaça, quem assumiu provisoriamente foi o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzili. Os ministros militares eram contra a sua posse, mas outra ala das Forças Armadas declarou apoio a Jango, dando início à chamada batalha da legalidade, que culminou com a sua posse no dia sete de setembro de 1961, após o Congresso adotar o regime parlamentarista para diminuir seus poderes.

No governo Jango, houve um crescimento substancial dos movimentos rurais, como as Ligas Camponesas, e sociais. Os estudantes, através da União Nacional dos Estudantes (UNE), passaram a intervir diretamente na esfera política.

ria enviado no começo do ano havia sido derrotado. Em 13 de março, na praça da República do Rio de Janeiro, situada em frente à estação da Central do Brasil, cerca de 150 mil pessoas ouviram o presidente anunciar os decretos que nacionalizavam refinarias particulares de petróleo e desapropriavam terras. O decreto para a reforma urbana e o que dava direito de voto aos analfabetos e aos quadros inferiores das Forças Armadas, ainda em fase preparatória, também foram pontuados. Brizola discursou e defendeu um Congresso composto por camponeses, operários, sargentos e oficiais do Exército. A resposta dos conservadores veio em 19 de março, com a marcha da família com Deus pela liberdade, em São Paulo, organizada pelas associações de senhoras católicas ligadas à ala conservadora da Igreja, que reuniu cerca de 500 mil pessoas.

Em 31 de março, com apoio do governador Magalhães Pinto, de Minas Gerais, Carlos Lacerda, da Guanabara (hoje Rio de Janeiro) e Ademar de Barros, de São Paulo, o general Olímpio Mourão Filho mobilizou as tropas sediadas em Juiz de Fora em direção ao Rio de Janeiro. Em 1º de março, Jango voou para Brasília para evitar derramamento de sangue e, nesse mesmo dia, o presidente do Senado Auro Moura Andrade declarou vago o cargo de presidente da República, assumindo o presidente da Câmara Ranieri Mazzili. No final de abril, Jango já se exilava no Uruguai.

## A IDADE DAS TREVAS NO BRASIL

Foi com os atos institucionais (AI) que os militares instituíram, pouco a pouco, a censura, o cerceamento da liberdade, o terror e a morte no país. O primeiro deles, AI-1, decretado por uma junta militar em nove de abril de 1964, trazia as seguintes determinações:

- Autorizou o presidente da República a enviar projetos de lei ao Congresso que, se não fossem apreciados no prazo de 30 dias, seriam considerados aprovados;
- Suspendeu a imunidade parlamentar;
- Autorizou o comando do golpe a cassar mandatos em qualquer nível e suspender direitos políticos por dez anos;
- Suspendeu o direito dos magistrados de permanecerem em seus cargos;
- Suspendeu a estabilidade dos servidores públicos.

Em 1º de abril, a sede da UNE no Rio de Janeiro foi incendiada. A Universidade de Brasília foi invadida pelos militares e vários dirigentes de sindicatos e federações de trabalhadores foram presos. No Congresso, 50 parlamentares foram cassados. Jango, Brizola, Juscelino e Jânio tiveram seus direitos políticos cassados. O general Humberto Alencar Castello Branco foi eleito presidente em 15 de abril de 1964, por votação indireta no Congresso e, já em outubro de 1965, decretou o AI-2:

- Dissolve partidos;
- Dava permissão ao Executivo de cassar mandatos;
- Eleições para presidente da República passam a ser indiretas.

É criado, então, o bipartidarismo. De um lado a Aliança Renovadora Nacional (Arena), que apoiava o regime; de outro o Movimento Democrático Nacional (MDB), que fazia uma espécie de oposição consentida. Como resposta às manifestações pelo fim do regime, Castello Branco decreta o AI-3 em fevereiro de 1966:

- Eleições passam a ser indiretas para governadores e prefeitos.

Em novembro, é a vez do AI-4:

- O Congresso Nacional é fechado e transformado em Assembleia Constituinte;

Em 1967, é votada a nova Constituição, que incorporava os atos institucionais, ampliava os poderes do presidente e reduzia os do Legislativo. Uma política recessiva é adotada por Castello através do Plano de Ação Econômica, que visava o combate à inflação com medidas como o aumento de impostos e o arrocho salarial.

Castello foi sucedido pelo marechal Arthur da Costa e Silva, que tomou posse em março de 1967. No seu mandato, a oposição ao regime militar cresceu e as manifestações de estudantes, artistas e trabalhadores se multiplicaram. Em uma delas, em 1968, o estudante secundarista Edson Luiz Lima Souto foi morto pela Polícia no Rio de Janeiro, quando reivindicava melhor qualidade e preços mais baixos na alimentação do restaurante Calabouço, ligado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em junho, a Passeata dos Cem Mil, que pedia o fim do regime, tomou conta do centro da cidade do Rio.

Ainda em outubro de 1968, a UNE, na ilegalidade desde 1964, realizou um congresso clandestino em um sítio na cidade de Ibiúna, interior de São Paulo. A polícia descobriu e prendeu 1.240 participantes, entre eles vários líderes estudantis, enfraquecendo o movimento. Em dezembro, Costa e Silva decretou o AI-5, o mais violento de todos os atos, levando os manifestantes contra o regime a aderirem à luta armada:

- Autorizava o presidente a fechar o Congresso;
- Instituiu a censura prévia aos meios de comunicação;
- Limitava a ação do judiciário;
- Suspensão dos direitos políticos e garantias individuais, incluindo o habeas corpus;
- Autorizava a intervenção federal em estados e municípios;
- Dava poder ao presidente de decretar estado de sítio sem autorização do Congresso.

Após sofrer um derrame cerebral, Costa e Silva é afastado, obrigando a reabertura temporária do Congresso para oficializar a escolha do general Emílio Garrastazu Médici para presidente.

O Governo Médici é considerado o mais repressivo e violento da ditadura, que ficou conhecido como os anos de chumbo, com o maior número de acusações de tortura e desaparecimentos de opositores. Foi debaixo desse endurecimento que as guerrilhas tomaram fôlego, dando origem a grupos armados como a Aliança Libertadora Nacional (ALN), de Carlos Marighela; Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8); Comando de Libertação Nacional (Colina) e outros.

Os serviços de inteligência foram se multiplicando. Além disso, cada região militar passou a ter um Comando de Operações de Defesa Interna (Codi) que controlava a atuação das tropas dos Destacamentos de Operações Internas (DOI). Os DOI-Codi ficaram conhecidos como autênticos centros de tortura e morte.

Também nesse período, o país viveu o que os militares chamaram de milagre econômico, com a contenção da inflação e crescimento da economia à custa do arrocho salarial e do aumento da dívida externa de 3,5 bilhões de dólares para 17 bilhões de dólares. Com o crescimento da inflação (os números de controle inflacionário divulgados eram forjados) e a crise internacional do petróleo (o país exportava 80% do petróleo consumido), o milagre chegou ao fim.

O general Ernesto Geisel, sucessor de Médici, anunciou em 1974 uma abertura política lenta, segura e gradual. Nessa época, os movimentos sociais e estudantis ressurgiram com força. Em 1978, Geisel anistiou os exilados políticos e, em 1979, revogou o AI-5.

João Batista Figueiredo, autor da famosa frase "Prefiro cheiro de cavalo à cheiro de povo", tomou posse em 1979. A Lei da Anistia foi aprovada pelo Congresso, possibilitando a volta de exilados e a libertação dos presos acusados de crimes políticos, com exceção daqueles acusados por terrorismo e luta armada contra o governo. Os militares acusados de tortura e morte foram todos anistiados.

No governo Figueiredo a Arena e o MDM são extintos e o pluripartidarismo é restabelecido. Estava tudo certo para que o próximo sucessor fosse escolhido pelo Colégio Eleitoral, por eleições indiretas, em novembro de 1984. Mas o PT organizou um ato na praça Charles Miller, em São Paulo, com 10 mil pessoas que pediam eleições diretas. Em 1º de abril, 1,2 milhão de pessoas se reuniu na Candelária, Rio de Janeiro e, em 16 de abril, 1,7 milhão pedia a volta das eleições diretas. Porém, a Emenda Dante de Oliveira, que deveria ser aprovada para restabelecer as eleições diretas, não obteve os votos necessários no Congresso.

Assim, o PMDB e dissidentes do PDS lançaram Tancredo Neves como candidato no Colégio Eleitoral e, o PDS, lançou Paulo Maluf. Tancredo venceu, mas adoeceu e morreu antes de tomar posse. Quem recebeu a faixa presidencial foi o seu vice, José Sarney, político ligado à ditadura militar e que foi presidente da Arena e do PDS. Somente em 1989, as eleições diretas foram restabelecidas e o povo brasileiro pode, outra vez, eleger o presidente da República.

Os crimes e atrocidades cometidos durante esse período estão sendo esclarecidos pela Comissão Nacional da Verdade, criada em 2011 pela lei 12.528 e instituída em 2012, com a finalidade de apurar violações dos direitos humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988.

Também nesse período, o país viveu o que os militares chamaram de milagre econômico, com a contenção da inflação e crescimento da economia, à custa do arrocho salarial e aumento da dívida externa. Como os índices inflacionários divulgados estavam sendo forjados, o crescimento da inflação e a crise internacional do petróleo (o país exportava 80% do petróleo consumido), o milagre chegou ao fim.

## Do Congresso da UNE para as dependências do Dops

POR MEIO DOS ATOS INSTITUCIONAIS, OS MILITARES PERPETUARAM-SE NO PODER POR 21 ANOS E ESCREVERAM COM SANGUE E LÁGRIMAS AS PÁGINAS DA HISTÓRIA DE UMA DITADURA VERGONHOSA. PRISÕES, TORTURAS, MORTES, OCULTAÇÃO DE CADÁVERES, SUPRESSÃO DA LIBERDADE. VEJA DEPOIMENTOS DE QUEM VIVEU E SOBREVIVEU PARA CONTAR.

Nascido em Águas de Lindóia, no interior paulista, Celso Nespoli Antunes mudou-se para Amparo e Bragança Paulista para concluir o colegial. Ali mesmo, como estudante secundarista, já participava de reuniões da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). “Sempre gostei de política estudantil”. Já em São Paulo, em 1965, é aprovado no curso de medicina veterinária da Universidade de São Paulo (USP). “O pessoal da veterinária era completamente alienado. Nos dois primeiros anos eu praticamente não tive contato com ninguém”. Inconformado com o perfil dos alunos e da grade curricular “defasada e atrasada”, Celso disputou e venceu as eleições do Centro Acadêmico. Já contando com número significativo de aliados que, como ele, buscavam melhorias, organizou com apoio dos alunos uma greve que se iniciou em novembro de 1967 e só terminou em maio de 1968. Com apoio da mídia e de alguns deputados, o movimento deu origem à reestruturação do curso e à regulamentação da profissão, até então não reconhecida. Nascia aí um grande líder estudantil.

Quando a União Nacional dos Estudantes (UNE) realizou seu 30º Congresso em um sítio na cidade de Ibiúna, interior de São Paulo, Antunes estava entre os mais de 1.200 estudantes presos por ordem do governador Abreu Sodré. Este episódio é um dos mais conhecidos da história da UNE e do período de ditadura militar no país. Aos 23 anos, Celso ficou durante sete dias preso no presídio Tiradentes, em São Paulo, e depois mais sete dias no Departamento de Ordem Política e Social (Dops). “Quando eu cheguei no Dops vi que tinham duas camas, a minha e uma outra que estava vazia.

Após uns dias, levaram um homem muito magro e desacordado e o jogaram nessa cama. Ele tinha sinais claros de tortura. Dias depois o colocaram na solitária e ele se matou com um corte na jugular, feito com uma lâmina. Nunca soube quem era, pois enquanto permaneceu na cela estava sempre desacordado”, lembra. Teve medo? “Sim, tive muito medo”. Enquanto estava preso, Celso usava todas as orientações que recebeu quando fez parte da Ação Popular (AP): “Eu não dava chance, não respondia, não enfrentava”. Para ele, as instruções foram essenciais para que se livrasse da tortura física. Quando saiu do Dops respondeu a dois inquéritos político militares (IPM), comparecendo, no total, a 11 depoimentos.

O saldo dessa época Celso guarda na ponta da língua. “Depois que me formei, fui perseguido em meus empregos por ter lutado pelo restabelecimento da democracia no país. Não pude tirar Carteira Nacional de Habilitação, pois era exigido o atestado ideológico, com antecedentes políticos e policiais”. Quando foi docente da Faculdade de Medicina Veterinária da Unesp, em Jaboticabal, também foi demitido com outros pesquisadores por causa dos antecedentes. “Perdi minhas pesquisas de três anos e fui impedido de defender minha tese de doutorado”, conta.

Curiosamente, sua ficha no Dops foi encontrada recentemente em uma casa abandonada no meio de um canavial em Jaborandi. Graças a um cortador de cana, que também é estudante de história, 80 fichas foram salvas. Hoje, o material pertence ao Arquivo do Estado de São Paulo. Mas Celso contesta as acusações: “Fui um líder estudantil destacado na época, fui militante da AP

Foto: Arquivo Pessoal

DEPARTAMENTO DE ORDEM POLITICA E SOCIAL LEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLITICA	
Nome:	CELSO NESPOLI ANTUNES
R. G.:	
Filiação:	Pai: Murillo Antunes Mãe:
Nacionalidade:	
Data do nascimento:	10 / 7 / 45 Idade: 24 anos
Estado civil:	
Residência:	Rua Mato Grosso, 77 - Águas de Lindóia
Em:	Fotografado e identificado
Universidade:	São Paulo
Faculdade:	Medicina Veterinária
Ano:	

Ficha do Dops de Celso Nespoli Antunes, na época com 23 anos, encontrada recentemente no meio de outras 80

**“Fui um líder estudantil destacado na época, fui militante da AP e depois do PC do B mas nunca me considerei guerrilheiro”**

e depois do PC do B, mas nunca me considerei guerrilheiro”.

Em Presidente Prudente desde 1970, divide o tempo entre o trabalho como médico veterinário do Serviço de Inspeção Federal, em Pirapozinho, e a escrever contos. Ficou claustrofóbico depois de preso e, ainda hoje, aos 69 anos, sonha com o barulho dos trens que passavam pela ferrovia próxima ao Dops enquanto estava lá.

Foto: Arquivo Pessoal

(CONTINUAÇÃO)	
Nome:	
10-10-69 -	Inf. Encarregado IPM do CRUSP: INDICIADO. ATIVISTA. Agitava através de teatro, etc. Foi presidente da AURK (1969). Considerado um dos principais líderes subversivos. Permeante à AP. Participou da greve da Veterinária. Deu ordens quando da prisão de policiais, quando participou ativamente.

Ficha do Dops de Celso Nespoli Antunes, na época com 23 anos, encontrada recentemente no meio de outras 80

Foto: Fotografia publicada originalmente em reportagem da extinta revista Manchete, em dezembro de 1968



O líder estudantil Celso Nespoli, de casaco escuro, ajudando a carregar uma estudante em uma maca, durante o Congresso de Ibiúna

## O espetáculo que não existiu

“Na época, a gente pichava contra a ditadura. Eu fui convidado a ficar quieto em vários momentos. No Sarrion, em 1978, fui eleito presidente do centro cívico. Tinha um mural com feltro verde todo rasgado e eu achava aquilo feio. Um dia fui comprar feltro e só tinha vermelho. Depois de trocar o feltro o vice-diretor me chamou a atenção, pediu para tirar o mural e o feltro vermelho porque era cor de comunista. Foi meu primeiro contato com a ditadura. Depois, eu fui pego pichando contra a repressão. Entrei numa baratinha – aqueles fusquinhas – e levado para a polícia. Meu

último contato foi com o espetáculo ‘Túnel’, do Dias Gomes. Nós havíamos ensaiado e iríamos sair em turnê por alguns estados. Nesse espetáculo, um grupo de pessoas fica 20 anos preso dentro de um túnel, o que é uma metáfora da ditadura. Eram três personagens, uma mulher, um comunista e um professor intelectual. Durante a apresentação, três homens entraram no teatro e assistiram ao espetáculo inteiro. Naquela época era necessário ter a liberação da censura e, nós sabíamos que seríamos censurados. Eles procuraram pelo diretor, Paulo Neves, e pediram a

autorização para encenar a peça. Como ele não tinha o convidaram para ir à polícia no próximo dia de manhã.

**Nós fomos. Não teve tortura física, mas houve repressão e fecharam com a seguinte frase: ou o espetáculo não existe ou vocês não ficam por aqui. Nós optamos pelo espetáculo não existir”.**

José Fábio Sousa Nogueira, 52, diretor de teatro e atual secretário de cultura de Presidente Prudente, em sua 5ª gestão.

## O professor e o distrito

“Fui convidado a depor no 3º Distrito Policial de Presidente Prudente, em 1978, por conta de uma peça de teatro que ensaiei com os alunos do Colégio Objetivo de Prudente. Aconteceu que, durante essa peça, os alunos apresentavam alguns poemas e músicas, e eu era o diretor. Tudo estava indo bem na noite da apresentação, mas tive que sair mais cedo por causa de uma viagem marcada. Assim que voltei para Prudente, a polícia bateu na minha porta e me levou para depor.

**Lá, fiquei sabendo que os alunos haviam cantado a canção ‘Pra não dizer que não falei das flores’, do Geraldo Vandré, no final do espetáculo, e que eu estava respondendo por me aproveitar dos estudantes para falar de política.**

Agora, veja, era um espetáculo fechado somente para os pais daqueles alunos, como que descobriram? E outra, isso não estava no script, foi o momento da empolgação dos próprios estudantes. Fiquei boas horas no 3º distrito, não sofri tortura física. Ao sair de lá vi que havia alunos e pais do lado de fora me esperando.”

José Caetano Silva, 66, é sociólogo e professor universitário aposentado pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp de Presidente Prudente. Um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT) de Presidente Prudente, foi eleito vereador por três mandatos. Atualmente, é diretor da Fundação Vicente Furlanetto.

## O apito da panela de pressão

“Eu tive contato direto com a repressão em 1978 e 1979, quando frequentava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, hoje Unesp. Lá eu conheci o professor Caetano, ele era nosso guru, até hoje eu o admiro, ele é uma pessoa inescrutável, dos grandes sociólogos que nós conhecemos, ele é um dos maiores para mim. Eu namorava minha primeira esposa e ela estudava Pedagogia lá. Então, eu comecei a frequentar os seminários de filosofia, psicologia, pois sempre gostei. Durantes esses eventos, presenciei três invasões da polícia. Em uma delas, durante uma palestra do Plínio Marcos e a exibição do curta ‘O apito da panela de pressão’, o diretório acadêmico foi invadido por

policiais e eu estava com um maço de panfletos mimeografados nas mãos.

**Quando vi aquele batalhão, pois eram muitos, comecei a rasgar o forro da poltrona com as unhas para esconder os panfletos. Minhas mãos ficaram feridas depois.**

E, nesse mesmo episódio, a minha namorada na época foi obrigada a mostrar o que tinha na bolsa. Me lembro exatamente como foi, ela tirando, na altura do rosto do comandante, calcinha e sutiã usados, pois ela batalhava o dia todo e ia direto para a faculdade”.

A atual esposa do Jotacê, a cantora Nelma Melo, se lembra da época em que era estudante do curso de turismo da Universidade Católica de Pernambuco, em Olinda: “Durante um bom tempo, em cada porta das salas de aula tinha um policial”.

José Carlos Cardoso, Jotacê Cardoso, 55, músico, delegado regional da Ordem dos Músicos do Brasil e presidente do Clube do Meio Artístico.



Intelectuais e artistas da época resistiram e protestaram como e até quando puderam, já que muitos partiram para o exílio, sob pena de sofrerem retaliações mais graves. Canções, espetáculos teatrais, literatura, jornalismo, artes plásticas, o repúdio ao regime autoritário vinha de todas as formas. Para entender melhor e conhecer obras consideradas ícones de protesto ao regime,

Assista:

- Vlado: 30 anos depois (2005, João Batista de Andrade)
- Zuzu Angel (2006, Sérgio Resende)
- O ano em que meus pais saíram de férias (2006, Cao Hamburger)
- O dia que durou 21 anos (2011, Flávio Tavares)
- Anos rebeldes (1992, Gilberto Braga)

Ouça:

- Meu caro amigo (com Chico Buarque)
- Apesar de você (com Chico Buarque)
- Acorda, amor (com Julinho da Adelaide – codinome de Chico Buarque)
- É proibido proibir (com Caetano Veloso)
- London, London (com Caetano Veloso)
- Cálice (com Gilberto Gil e Milton Nascimento)
- O bêbado e a equilibrista (com Elis Regina)

Consulte:

- www.em1964.com.br
- www.cnv.gov.br

# O baú do Matsu

“Fotografar é imortalizar um momento único, ao qual não se poderá mais voltar”

# 50mm

Viviane Vieira  
DA REDAÇÃO

A câmera analógica da irmã, Débora Matsu, era o brinquedo preferido do adolescente Fernando Matsu. A brincadeira favorita era fotografar shows, hábito natural para quem vem de uma família musical: a mãe, Lourdes Matsu, canta desde que Fernando se entende como gente e, no ano passado, concluiu o curso de licenciatura em música pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), em Presidente Prudente; mamãe Lourdes e papai Edson (que não está mais aqui) cantavam em casa. A irmã, Débora, também é cantora.

O menino Matsu teve uma banda, é baterista. Em 2010 a fotografia falou mais alto. Comprou uma câmera digital influenciado pelo amigo biólogo Gabriel Murilo. A brincadeira começou a ficar mais séria na proporção em que o obturador e o diafragma da nova câmera flagravam o olhar de Fernando. A paixão cresceu e não teve fim.

Então ele achou que deveria estudar fotografia. Fez o Curso Básico de Fotografia do Paulo Miguel, grande fotógrafo prudentino e referência para os alunos que já formou em seu curso e os que assistiram às suas aulas no curso de comunicação social da Unoeste. Daí os primeiros trabalhos profissionais fo-

ram aparecendo e ele foi imprimindo sua marca. No ano passado uniu o útil ao agradável. Mudou-se para a capital paranaense para estudar fotografia no Centro Europeu e realizou o sonho de viver em Curitiba. Por lá fez muitos amigos e encontrou várias referências. Aos poucos as preferências foram apa-

recendo: a fotografia de moda. Mas em seu trabalho vemos de tudo, desde um desconhecido nas ruas até editoriais pensados milimetricamente (já declarou sua paixão em fotografar pessoas e pensar ensaios). Tudo desperta o interesse de suas lentes. No meio das lentes levou na mala os olhares em-

prestados de Prudente, Paulo Miguel, Fernando Martinez, Gilson Lorenti, Ed Wesley, Jo Padovan, Rodrigo Oliveto, Adriano Kirihara, Carlos Castilho. Todos fotógrafos admirados por ele. Em Curitiba tem Melvin Quaresma, Marcos Mancinni, Primo Tacca e Allan Ely. No mundo tem Bresson, no Brasil

Evandro Teixeira e Sebastião Salgado. O que um fotógrafo precisa ter para se destacar? “Acredito que não é só apertar um botão, mas ter conhecimento em administração, marketing, contabilidade, fazer tudo com zelo e muito amor”. Já descobriu o que fazer para ter um trabalho dife-

Foto: Matsu



Ensaio diferente que tem a cara do cliente, essa é a proposta de Matsu



A alegria imortalizada nesta imagem faz dela uma das preferidas de Matsu

renciado: “Procuro sempre propor ao cliente um ensaio diferente e em lugares não muito explorados”. Sim, o adolescente que descobriu as lentes brincando com a máquina da irmã, agora é um homem de 26 anos que fez da fotografia sua profissão.

“Fotografar é imortalizar um momento único, ao qual não se poderá mais voltar”. É o que ele diz. Sobre a fotografia acima, Matsu revela: “Imortalizou a alegria, é uma das minhas preferidas.” Como

fazer uma imagem assim e não ser banal e clichê? “Dedicação e preparo, como tudo na vida. [...] conhecer seu equipamento, se aprofundar na história da fotografia, estudar técnicas fotográficas, treinar o olhar, visitar museus, ouvir uma boa música e ler, como a frase de Ansel Adams: ‘Um fotógrafo não faz uma fotografia apenas com sua câmera, mas com os livros que leu, os filmes que assistiu, as viagens que fez, as músicas que ouviu, as pessoas que amou’.”



Um olhar sobre o café

Foto: Matsu

vambora  
>>>>>>>

Foto: Divulgação

## Bienal de São Paulo: a arte por si só

PARQUE IBIRAPUERA SÃO PAULO BRASIL 31ª BIENAL DE SÃO PAULO COMO FALAR DE COISAS QUE NÃO EXISTEM

ABOUT THINGS THAT DON'T EXIST HOW TO TALK

6 SET - 7 DEZ 2014

Cartaz da 31ª Bienal de São Paulo

A primeira Bienal de São Paulo aconteceu em 1951 com esforço do empresário e mecenas Francisco Matarazzo Sobrinho (1892 - 1977), conhecido como Cicillo Matarazzo, e de sua esposa Yolanda Penteado. A segunda Bienal, em 1953, trouxe ao Brasil a Guernica, de Pablo Picasso, na época inédita no país. O Pavilhão Cicillo Matarazzo é seu palco desde a quarta edição, em 1957. Projetado por Oscar Niemeyer, o prédio é um ícone da arquitetura modernista brasileira e é tombado pelo Patrimônio Histórico. Já abrigou obras de 159 países, mais de 13 mil artistas, cerca de 60 mil obras, e a passagem de quase sete milhões de visitantes.

Em 2012, a 30ª Bienal trazia o título “A Iminência das Poéticas” e comemorava os 60 anos destacando as participações brasileiras nas trinta edições da mostra. Foi a primeira vez que tive contato, pessoalmente, com as obras de Arthur Bispo do Rosário, antes conhecida por mim apenas por livros. O impacto foi grande. Mer-

gulhar naquele universo místico e apreender mais um pouquinho de tudo aquilo que nem sei bem como definir foi extraordinário.

O tour pelos três andares do pavilhão é uma atração à parte. O trabalho de Niemeyer é, por si só, uma obra de arte que se funde a todas as outras. O ideal é ter mais de um dia disponível para conhecer cada canto, ou melhor, cada curva. Não bastasse, o pavilhão fica no Parque Ibirapuera, que também abriga o Museu de Arte Moderna (MAM), o Auditório do Ibirapuera, a OCA (espaço que também recebe exposições), todos projetados por Oscar Niemeyer.

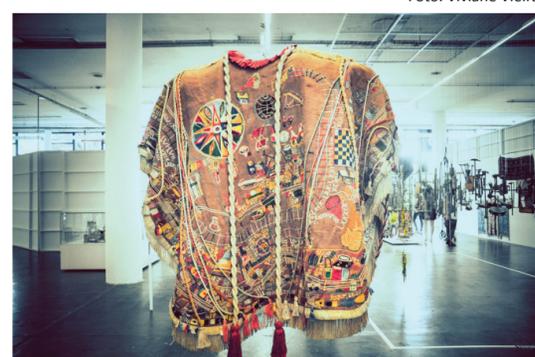
Neste ano, de 6 de setembro a 7 de dezembro, acontece a 31ª Bienal de São Paulo, que traz o tema “Como Falar de Coisas que Não Existem”, com curadoria de Charles Esche, Galit Eilat, Nuria Enguita Mayo, Pablo Lafuente e Oren Sagiv.

Para saber mais: [www.bienal.org.br](http://www.bienal.org.br)



Arthur Bispo do Rosário, “Cama de Romeu e Julieta”

Foto: Viviane Vieira



Arthur Bispo do Rosário, “Manto da Apresentação”

Foto: Viviane Vieira

# Dialética & Poética.

## O orgulho e a amizade

Virgílio Reis (Cedido por Ciomara Mancini)

Quando sinto teu pensamento batendo com suavidade à porta do meu coração, minha alma vibra na mais estranha alegria. Quando sinto teu pensamento envolvendo minha mente com a fragrância dos mais sutis perfumes, meu verdadeiro "eu" sente anseios de evolução. Quando sinto teu pensamento vir do Cosmos infinito abraçar com amor e carinho meu pecaminoso ser, vejo então o quanto estou distante de ti e da perfeição.

Um ano já se passou e apesar dos conhecimentos que através de tantos anos têm fortalecido o meu espírito, cada vez mais, querida esposa, maior se torna a minha paixão. A falta do teu carinho, o teu amor sem limites, o calor do teu coração junto ao meu, saudade e lágrimas que não mais se apagam. O amor que consagramos um ao outro serviu de exemplo e de escudo para a boa educação que soubemos dar às nossas queridas filhinhas, verdadeiros anjos para proteger teu fiel companheiro que, em breve, cairemos nos braços uns dos outros, pagando desta forma, conforme os designios de Deus, o amor com amor.

Espero e tenho confiança nos nossos mentores. Que as preces dirigidas ao Senhor dos mundos te tenham aliviado e afastando do escuro, quando passamos para verdadeira morada. Que deus tenha reservado para ti uma parte do perfume da caridade que aqui soubeste distribuir com todos aqueles que te procuravam, foi o que levaste de melhor. A população inteira desta querida cidade, que deu o nobre exemplo de solidariedade, acompanhando teu corpo no esquife carinhoso que os teus queridos – que aqui com seus corações trespassados pela falta da tua companhia na vida da matéria – fizeram.

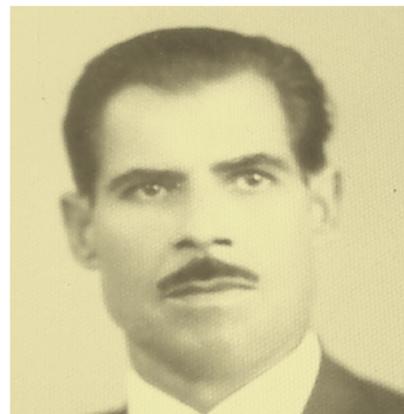
Minha querida, estas minhas palavras tão sentidas não têm sabor de orgulho ou vaidade, mas, sim, de humildade. Porque o orgulho é comparado à parte estragada de uma laranja que simboliza a nossa vida, enquanto a humildade é a parte sadia. Enquanto o orgulho é amargo e não traz valor nutritivo para o espírito, a humildade é doce, suave e traz consigo grande valor espiritual.

Assim, eu acompanhei a tua existência terrena em minha companhia durante 53 anos. Não foste minha esposa 100 vezes acima daquele nome que se pode dar uma verdadeira mãe. O teu carinho, o amor que sempre existiu entre nós dois, será o caminho mais fácil para o nosso reencontro para bem depressa na vida espiritual, a fim de continuarmos na mesma tarefa que os dois aqui encetamos.

Aceita, minha querida, meu anjo guardião, um beijo daquele que aqui foi teu fiel companheiro, mas que ele seja igual ao beijo que a tua querida mãe te deu ao nascer.

Paz ao teu espírito.  
Teu esposo, Virgílio Reis.  
Até breve.

## Sobre o autor:



Virgílio Reis nasceu em 2 de fevereiro de 1896, em Portugal, veio para o Brasil em 1925 casado com Maria José Reis e com duas filhas – uma nascida na América do Norte e outra em Portugal - ficou um ano na cidade de Santos, chegou à Presidente Prudente em 1926, foi pioneiro na cidade, montou uma padaria na Rua Nicolau Maffei. Em 1932 transferiu a padaria para a antiga Rua Boa Vista, atual Rua Luiz Cunha e teve uma terceira filha na cidade. Na década de 1930, juntamente com os espíritas pioneiros da cidade, ajudou a construir a sede do Centro Espírita Poder da Fé, que até então funcionava na zona rural e foi o primeiro de Presidente Prudente em funcionamento até a data de hoje na Avenida Brasil, nas proximidades da rodoviária. Exerceu as funções de presidente do centro até meados da década de 1980 quando, por motivos de saúde e idade, afastou-se, vindo a falecer em 9 de maio de 1987. Essa carta Virgílio escreveu para sua esposa quando ela faleceu em 1971, era dado a escrever e declamar poesias.

## QUAL É O PARANGOLÉ?

### Para apreciar uma obra de arte

Michela Mendes  
ESPECIAL PARA O MOSAICO

A falta de intimidade com as artes visuais muitas vezes é motivo para que deixemos de visitar uma exposição. Mas, adiante, que não é necessário ser um especialista para ver e compreender as obras, afinal, como diz Picasso, "uma obra de arte se explica por ela mesma". De qualquer maneira, aqui estão algumas dicas que podem deixar a sua visita mais agradável:

**Cores**  
Simbolizam sensações, revelam intenções do artista e quase nunca são usadas de forma aleatória. Por isso, preste atenção se as cores usadas são vibrantes ou de uma repleta calma. Isso, somado a outros elementos, pode revelar a intenção do artista. Exemplo: Jan van Eyck, na obra "O casamento dos Arnolfini", usa o vermelho e o verde para destacar a noiva em cena, já que essas duas cores são opostas no Círculo Cromático de Newton e, quando usadas juntas, acabam salientando a imagem.

**Linhas**  
São verticais? São horizontais? Mondrian, por exemplo, usava linhas horizontais para representar o repouso e verticais para mostrar dinâmica.

**Traços**  
São vigorosos? São delicados? Isso pode mostrar que o artista tenta representar a delicadeza ou a força de um determinado elemento na obra. Lembre-se: o uso de traços mais finos ou mais grossos pode ser uma

assinatura do artista. Exemplo: Botticelli representava com seus traços finos e minuciosos mulheres com rosto delicado.

**Período**  
Preste atenção no ano em que a obra foi realizada. Isso também pode ser uma dica sobre as simbologias contidas nas imagens.

**Créditos**  
Sem a intenção de subestimar o leitor, aqui vão dicas a respeito dos créditos das obras que, certamente, contribuirão para seu total entendimento. Exemplo: na obra Mona Lisa, de Leonardo da Vinci você encontra as seguintes referências:

Leonardo da Vinci, "Mona Lisa", 1503-1506, óleo s/ painel de madeira, Louvre, Paris

Quando você vir no crédito de uma obra a inscrição s/, significa "sobre" e não "sem". Exemplo: óleo s/ tela.

A data que aparece na obra é de quando o artista começou e terminou a obra. Exemplo: se aparece 1550-1552, significa que ele começou em 1550 e terminou em 1552.

O local que aparece nos créditos é o lugar onde encontra-se atualmente a obra, e não o local de produção da obra. Exemplo: Mona Lisa, Louvre, Paris, significa que hoje a obra faz parte do acervo permanente do Museu do Louvre, que fica na capital francesa.

**O tema**  
Um artista não vive numa redoma de cristal, mas é influenciado pelo seu tempo. Por isso, os temas representados muitas vezes refletem as preocupações de toda uma sociedade num determinado momento. Os temas podem ou não aproximar você do artista, afinal, cada um tem um repertório pessoal e, por isso, pode se interessar mais ou menos por uma determinada obra. Exemplo: Durante a ditadura militar, muitos artistas se propuseram a representar a repressão dos militares, como fez Cildo Meireles na sua obra "Quem matou Herzog?"

É importante buscar significados, mas, sobretudo, aproveite para contemplar e buscar os seus significados pessoais diante da obra.

Michela Mendes é graduada em história pela FCL-Universidade Estadual Paulista, Assis, e especialista em história da arte pela Universidade Estadual de Londrina.

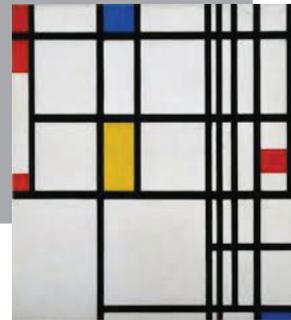


Cildo Meireles, "Quem matou Herzog?", carimbo em notas de um cruzeiro, 1975



Leonardo da Vinci, "Mona Lisa", 1503-1506, óleo s/ painel de madeira, Louvre, Paris

Piet Mondrian, "Composição em vermelho, azul e amarelo", 1920, MoMA, N.Y



Jan van Eyck, "O casamento dos Arnolfini", 1434, óleo s/ madeira, Londres



Sandro Botticelli, "Nascimento de Vênus", 1482, Florença

